

Mídia e consciência ambiental: possibilidade para vida ou governo da vida?

Media and environmental awareness: possibility for life or government of life?

Lêda valéria Alves da Silva

Universidade Federal do Pará
leda_valeria@yahoo.com.br

Silvia Nogueira Chaves

Universidade Federal do Pará
schaves@ufpa.br

Resumo

Interessa-nos investigar como se produziu a “realidade” sobre as problemáticas ambientais? Como a mídia ambiental pensa os sujeitos ao qual estão endereçadas suas produções? A proposta é problematizar os enunciados, que diferente de Édipo, não faz furar os olhos, mas educar o olhar ensinando modos de ver e pensar o ambiente de forma dita consciente. Essas perguntas são, em parte, resultado da aproximação com o pensamento de Michel Foucault. Seus trabalhos inquietam porque questionam algo que temos como definitivo: “a verdade”, principalmente a científica. O *corpus* de análise são documentários, animações, desenhos, sites que circulam na internet, aqui considerados potentes artefatos de subjetivação. A análise desses materiais fala a favor da criação de uma suposta consciência ambiental sem a qual o planeta não sobreviverá como herança para as novas gerações.

PALAVRAS CHAVES: Educação Ambiental, mídia, produção de subjetividade, discurso

Abstract

We are interested in investigating how the "reality" about the environmental problems occurred? How does the environmental media think the subjects to which their productions are addressed? The proposal is to problematize the statements, which unlike Oedipus, does not pierce the eyes, but educate the eye by teaching ways of seeing and thinking the environment in a so-called conscious way. These questions are, in part, a result of the approximation to the thinking of Michel Foucault. His works are uneasy because they question what we have as definitive: "the truth", especially the scientific one. The corpus of analysis are documentaries, animations, drawings, websites that circulate on the Internet, here considered potent artifacts of subjectivation. The analysis of these materials speaks in favor of the creation of a supposed environmental consciousness without which the planet will not survive as an inheritance for the new generations.

KEY WORDS: Environmental Education, media, production of subjectivity, discourse

Um enredo para falar de meio ambiente, catástrofes, consciência...

Jornais. Artigos. Imagens. Filmes. Documentários. Desenhos... O que eles tem em comum quando falam sobre o meio ambiente? Destruição, catástrofe, caos? Talvez todos esses elementos e a necessidade da formação de uma consciência ambiental. Não há um discurso em prol da conservação do ambiente que não passe pela rota do imperativo, das palavras de ordem, da *mea culpa*, da responsabilidade e, sobretudo do desejo de uma mente que transforme o mundo.

Toda vez que possíveis soluções para os problemas ambientais são elencadas, a dita consciência ambiental é convidada a comparecer nas pessoas como recurso para elaboração de um senso crítico e reflexivo em relação ao planeta, ou seja, é o homem acusando a si mesmo e procurando a causa do seu próprio sofrimento. É o complexo de Édipo, reatualizado no século XXI, repleto de má consciência e imbuído de culpa.

Nos filmes, documentários, desenhos, PCN, leis, etc, a consciência ambiental é apresentada como aquilo onde o ser humano precisa chegar para que o planeta resista/exista para as próximas gerações. Produções cinematográficas, sobretudo os documentários sobre ambiente, embalam a ideia de “tomada de consciência” com várias imagens sobre as ditas catástrofes ambientais, apelando para a sensibilidade das pessoas a fim de evitar o fim do mundo.

Ao trabalhar a mídia ambiental em sala de aula na tentativa de vislumbrar uma saída coletiva para a humanidade, nos vemos lidando com comentários como: “o homem é o culpado por tudo, por ser ganancioso”, “a humanidade precisa tomar ‘consciência’ dos seus atos”, “como biólogos, somos responsáveis por salvar o planeta”, “precisamos conscientizar as pessoas de que elas estão fazendo mal ao meio ambiente”. Culpa, reconhecimento, consciência e redenção. Solução? Se não fosse um curso de formação de professores de biologia, poderia ser facilmente um sermão dominical.

O recurso audiovisual, por ser uma mídia bem ilustrativas, ao meu ver, era o que melhor apresentava a problemática e as possíveis soluções, num movimento de fazer/buscar sempre o que é melhor para o planeta. Além disso, encontrei vários trabalhos apontando o uso da mídia como ferramenta metodológica eficaz para discussão da temática meio ambiente.

Trabalhos como o de Sulamain (2011), Lopes & Barcellos (2010), Rauber et. al. (2012) relatam o uso do cinema em aulas como ferramenta para a discussão sobre meio ambiente e apontam em seus trabalhos esses recursos promovem efeito positivo “na aquisição de conhecimentos, mudanças de atitude e valores diante do meio ambiente”, o que só faz corroborar, a eficácia dos filmes na conquista da consciência já que a sensibilização ambiental¹ já está em processo.

Mas, ao pensar na eficácia dessa mídia deixamos de perguntar, por exemplo, por que ao ver os documentários, filmes, animações não estranhamos os discursos catastróficos, salvadores, apocalípticos? Será que as frases de efeito e as palavras de ordem ao invés de serem possibilidade pra vida, não são tão somente o gerenciamento da vida? Como estranhá-los

¹ A sensibilização ambiental é considerada uma etapa importante da Educação ambiental (EA), pois é um momento de contato com a temática ambiental e as discussões que estão sendo realizadas. É vista também como preparação para as ações de EA, que possam levar a atitudes mais corretas em relação ao meio ambiente. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>.

então? Como estranhar algo que fala de esperança, de um mundo melhor, do futuro das próximas gerações?

A discussão dos materiais que circulam na mídia interessa porque eles carregam o peso de grandes expectativas, sobretudo a demonstração do “risco calculado”, segundo estatísticas fornecidas pela ciência e reforçadas nos enredos e legendas. Os recursos midiáticos são utilizados como uma forma de gerar atenção para os problemas ambientais, a fim de despertar a “consciência ambiental” porém, os documentários em si, não são problematizados como artefatos discursivos.

Assim, interessa-nos discutir como se produziu a “realidade” sobre as problemáticas ambientais? Como a mídia ambiental pensa os sujeitos aos quais está endereçada? A proposta é problematizar os enunciados, que diferente de Édipo, não faz furar os olhos, mas educar o olhar. Ensinar modos de ver e pensar o ambiente de forma consciente.

Essas perguntas são, em parte, resultado da aproximação com o pensamento de Michel Foucault. Seus trabalhos inquietam, instigam, principalmente porque ele questiona algo que temos como definitivo: “a verdade”, principalmente a científica.

Partimos do pressuposto de que é necessário estranhar, interrogar e problematizar aquilo que é visto como não problemático (WORTMANN, 1998), como o imprescindível, e adequado. Desse modo, é possível ver a mídia ambiental como produtora de significados de mundo e de sujeitos. Daí a importância de “analisar suas linguagens, formas de raciocínio, ciência, enquanto vinculadas às relações de saber e de poder que atravessam os corpos para gravar -se nas consciências” (CORAZZA, 2001, p. 57).

Nesse momento abandono a ideia do documentário, dos vídeos, das imagens como recurso pedagógico e passo a vê-los como artefato, como monumentos que trazem rastros não do que aconteceu ou acontecerá, mas do que foi tomado como verdade, importante em dado momento histórico.

Portanto, não busco a verdade dos discursos, mas as relações de poder que possibilitam sua existência. A mídia, ao produzir um saber sobre o meio ambiente, se inscreve em jogos de poder e significação, evidenciando a ligação entre poder e saber, logo o poder tem um caráter produtivo que “longe de impedir o saber, o produz” (FOUCAULT, 2007, p. 148), ou seja, vejo a mídia pensando nos mecanismos de poder, que a atravessam.

Esses discursos veiculados também são orientados por certos regimes de verdade “o que significa estarmos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente, e afirmando verdades de um tempo” (FISCHER, 2001, p. 204). Os discursos inventam um mundo, fabricado a partir dos ditos sobre o ambiente, logo a produção de um discurso não passa de uma fabricação. Nós inventamos o objeto a partir do momento que o descrevemos. Assim, realizamos uma operação que também produz nossa verdade. Ao assumir uma posição, ao enunciar nossas escolhas, também estamos inventando e afirmando uma verdade.

A mídia, hoje, ocupa um lugar central na circulação e produção discursiva ao mesmo tempo que informa orienta sobre as diversas formas de “destruir/salvar” o ambiente. Segundo Hennigen e Guareschi (2002) a mídia é considerada um espaço privilegiado de circulação de discursos na sociedade. Embora o caráter pedagógico da mídia não aponte para existência de um currículo semelhante ao escolar (SILVA, 2008), é importante salientar que eles ensinam muitas coisas através desses encontros tanto de modo discursivo, quanto de modo não discursivo (FISCHER, 2002). O discurso midiático, ao legitimar a verdades que circulam entre pessoas acabam por produzir modos de vida, ensinado, principalmente, como se deve agir diante da “crise ambiental”. Nesta visão, a imagem deixa de ser “a realidade” do que

é/foi/será o ambiente e o significado disso para o mundo como na análise semiótica, e passa a ser vista como enunciado, que produz formas de ser/ver o ambiente e falar sobre ele.

É importante ressaltar que a produção midiática, particularmente a cinematográfica, sobre ambiente, já vem sendo estudada, em sua feição de ativadora de processos de subjetivação, por autores como Luvielmo (2011), que analisou os discursos levantados pelo filme *Wall*, animação sobre a temática ambiental. Em seu trabalho a autora discute o cinema como um tipo de mídia que produz sujeitos através de seus enunciados. Em outro trabalho Pereira *et al.* (s/d) analisaram os filmes *Madagascar*, *Os sem floresta* e *Wall-e*, identificando entre outros o enunciado de que o homem é o principal “vilão” do ambiente, mas que também o que tem o poder de “salvar” o planeta. Vale ressaltar que estes autores estiveram atentos para como a mídia, no âmbito das animações, opera como produtora de *efeitos de verdade* que produz um lugar de sujeito frente ao meio ambiente.

A mídia ambiental circula usualmente nas Universidades e Instituições de ensino, por serem/trazerem supostamente discursos “verdadeiros” e “científicos” sobre a natureza, a vida, os modos de lidar com ela e as “consequências” se não atendermos o apelo científico em relação às catástrofes ambientais, também chamadas de desmatamentos, aquecimento global, tsunamis, etc.

Logo, nas mídias que abordam a temática ambiental, não só verdades científicas são difundidas, mas uma variedade de discursos de diferentes campos (discurso ambiental científico, econômico, religioso...) é divulgada e disponibilizada, em meio às relações de saber-poder, posições de sujeitos que convidam professores e alunos no ensino de ciências a certas formas de vivenciar o meio ambiente, pensar o mundo, constituir-se. Tais modos são operacionalizados de maneira a im(pro)por arquiteturas, corpos, bem como nas formas de lidar com a natureza, o cotidiano e a vida.

Essas marcas são construções culturais que, na mídia ambiental, ganham contornos “salvacionistas”, disciplinantes e de controle dos corpos ao se articularem com discursos da ciência, ecológicos, conservacionistas, ambientalistas.

O corpus de análise deste trabalho são documentários, animações, desenhos, sites que circulam na internet e são considerados potentes difusores na busca pela consciência ambiental. Essas mídias ao serem trabalhadas no ensino de ciências e em cursos de formação, mas principalmente em cursos de formação de professores de ciências profere uma série de mecanismos de articulação da suposta “consciência ecológica”. Além disso, eles circulam mundialmente tal a importância atribuída a eles.

No youtube, por exemplo, o documentário *Home, nosso planeta, nossa casa*² conta com mais de 5 milhões de visualizações e traduções ao redor do mundo, portanto é uma produção de alto impacto midiático destinado a todo tipo de público. Em linhas gerais, esse documentário trata das catástrofes ambientais, ocasionadas principalmente pela interferência humana no equilíbrio ecológico do planeta ao mesmo tempo que mostra ainda ser possível reverter a situação caso o homem altere seus padrões de vida e de consumo.

Assim, ao escolher problematizar a mídia procuro dar visibilidade àquilo, que em outra investigação, poderia não ser relevante. Indicamos que ao trabalhar a mídia ambiental configuramos a partir de uma disposição nos modos de olhar entendendo-os como artefatos culturais que constituem modos de ver e fazer, de se comportar e governar a vida das pessoas juntamente com vários outros enunciados, cuja dispersão pretendemos fazer aparecer aqui também.

² Produzido pelo jornalista, fotógrafo e ambientalista francês Yann Arthus-Bertrand (2009)

Antes durante e depois do homem

Para começar nossa análise, vamos aos enunciados do filme *Home: nosso planeta nossa casa*:

Enunciado 1: antes do homem (no princípio não era o homem)

Caos. Fogo. Arqueobactérias. Carbono. Oxigênio. Atmosfera. Milagre. Vida! A narrativa extraordinária do documentário *Home* começa vislumbrando o início da existência na terra, a aventura de passar de um suposto estado caótico para um estado onde é possível distinguir água, montanhas, etc. Um equilíbrio conquistado por meio de processos bioquímicos e a generosa ajuda da evolução. O documentário, filmado praticamente de cima, nos convida a voar como pássaros pelo planeta e no primeiro sobrevoo vislumbramos um mundo constituído de paisagens harmônicas, alteradas apenas pelo ciclo de renovação natural.



Figura 1: Cenas do documentário *Home, nosso planeta nossa casa*

Enunciado 2: depois do homem (mea culpa)

Desmatamento. Queimadas. Plantações. Territórios. Combustível. Inteligência. Homem! O cenário de destruição começa... “Me escute por favor! Você, *Homo sapiens!*” A voz over³ convida o espectador a prestar atenção ao que vai assistir. O homem, aparece responsável por alterar a atmosfera do planeta. Tornou a vida impraticável. Agora somos convidados a observar paisagens repletas de alterações. Cenários sofríveis de destruição de florestas, seguidos de mortes de animais e máquinas flamejantes. Quebramos a conexão com o cosmo!

³ O “voice over” acontece quando um personagem ou narrador que não está em cena fala.



Figura 2: Cenas do documentário *Home, nosso planeta nossa casa*

Enunciado 3: se você não acredita as estatísticas provam (tomada de consciência)

Números. Índices. Constatações...o cenário estatístico começa a se tornar visível. Somos convocados agora a constatar através de números o quão oneroso é/será para o homem a destruição do planeta. “Riqueza nas mãos de poucos. 20% da população mundial consome 80% dos recursos. 1 bilhão não tem acesso a água potável. Quase 1 bilhão tem fome. Todo ano, 13 milhões de hectares das florestas desaparecem. A capa de gelo está 40% mais finas do que há 40 anos. Haverá 200 milhões de refugiados climáticos em 2050. Como este século aguentará o fardo de 9 bilhões de humanos se nos recusarmos a prestar contas por tudo que fizemos?”



Figura 3: Cenas do documentário “*Home, nosso planeta nossa casa*”

Enunciado 4: é tarde para ser pessimista (até os vilões merecem o céu)

Por fim, o documentário nos diz como salvar o planeta, que soluções realmente existem hoje. Vários exemplos de países que investiram em energia sustentável, distritos ecológicos, indústrias que liberam carbono no solo, etc são mostrados. Exemplos que “deram certo”

contrastando com países que investiram em “arranha céus”, militarismo, agronegócio, etc. E numa tomada cheia de imperativos o governo dos corpos se instaura: “Vamos ser consumidores responsáveis. Pensem no que compramos. Precisamos parar de cavar na Terra e olhar para o céu. Temos que aprender a cultivar o Sol. Todos temos o poder para mudar. Cabe a nós escrever o que acontece em seguida...”



Figura 4: Cenas do documentário *Home, nosso planeta nossa casa*

Numa espécie de versão romanceada da narrativa bíblica, *Home* carrega referências mais ou menos diretas de Gênesis ao Apocalipse. Assim, temos a terra criada há milhões de anos, passando pelo futuro sombrio de ser destruída pelo homem, e a possibilidade de “uma nova terra” caso seja possível “salvar” o planeta da destruição.

É inevitável o desejo de controlar o ambiente. Muito do que inventamos como importante à vida se desfaz diante da catástrofe iminente contada pelo documentário. É o relato de um planeta alterado pelo homem, que encontrou na catástrofe ambiental e no medo produzido por ela, uma forma de domesticar o corpo, potencializado pela euforia coletiva de “salvar” o mundo da destruição. Corpos disciplinados a fim de reerguer o planeta. Como não se enxergar nesses conjuntos de enunciados? Como não sucumbir a “comprovação” de que somos culpados? De que somos, ao mesmo tempo, conscientizadores? Como diria Pelbart (2007) temos “extrema dificuldade em resistir, já que mal sabemos onde está o poder e onde estamos nós, o que ele nos dita [...] Nós próprios nos encarregamos de administrar nosso controle”. Nós estamos inteiramente capturados.

No facebook, páginas são criadas a fim de trocar experiências entre profissionais e “conscientizadores” como são chamados os participantes de algumas comunidades⁴, disponibilizando vídeos, imagens, reportagens, vivências sugeridas para melhorar a situação do planeta. O youtube, outra rede social, comporta inúmeros vídeos sobre conscientização, cujo alvo são principalmente crianças e jovens. Nas descrições de alguns vídeos não faltam palavras de ordem como:

⁴ Tais como: “consciência ambiental”; “Instituto de consciência ambiental (ICA)”; “Instituto da Consciência Ambiental (INCA)”, entre outros.

Respeite o planeta e não polua: se você for extinto, a natureza vai se refazer sem sentir a sua falta. Quando você protege o Meio Ambiente, protege a si mesmo.⁵

Salve seu planeta, pois você é mais responsável do que imagina. Uma hora, o mal volta pra você!⁶

Para crianças o Discovery kids⁷, apresenta em sua programação o desenho *Peixonautas* em que “algumas personagens representam sujeitos a serem conscientizados ambientalmente; outros ensinam o que é ser ‘ambientalmente responsável’” (WORTMANN et al., 2012). Nos PCN e nos livros didáticos a consciência ambiental é apresentada como meta ser atingida para que sejamos dignos de herdar o planeta.

Recentemente no “Wildlife Conservation Film Festival”⁸ foi lançado a animação “*Dream*”⁹, que significa “sonho” em português. Nela animais prestes a morrer pela mão do homem, cantam a música “I dreamed a dream”, cuja tradução é “eu sonhei um sonho”.



Figura 5: Cenas da animação *Dreams*

Os animais sonhavam em criar seus filhos, em vê-los crescer. Segundo a animação houve um tempo de sonhos e esperança onde “a vida valia pena [...] Mas os tigres vem a noite” e, como diz a música são a personificação do medo e do mal. O vídeo convoca todos a “tomada de

⁵ https://www.youtube.com/watch?v=I0KYuNY_kdg

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=78-Zj3cuTP8>

⁷ O Discovery Kids é um canal de televisão por assinatura voltado ao público pré-escolar.

⁸ O Festival de Cinema de Conservação da Vida Selvagem (WCFF) tem a missão informar, envolver e inspirar o público sobre a necessidade e importância da proteção da biodiversidade global. O WCFF faz isso através do festival anual de cinema e conferência sobre biodiversidade em Nova York. Também através de um programa de extensão de educação para universidades. O WCFF se envolve em programas mensais em Nova York e em outras cidades que incluem exibições de filmes, negócios e eventos de redes sociais e apresentações. As pessoas que participam e participam do WCFF são conservacionistas internacionais da vida selvagem, cineastas, fotógrafos, cientistas e pessoas em todo o mundo que trabalham para a preservação da biodiversidade global (tradução livre). Fonte: <http://www.wcff.org/>

⁹ Produzido por DDB New York, Zombie Studio, and Mophonics. Disponível em: <http://www.wcff.org/>

consciência” a fim de que o suposto destruidor repense seus atos sob pena de destruir a vida no planeta.

Toda vez que possíveis soluções para os problemas ambientais são elencadas, a dita consciência ambiental é convidada a comparecer nas pessoas como recurso para elaboração de um senso crítico e reflexivo em relação ao planeta, ou seja, é o homem acusando a si mesmo e procurando a causa do seu próprio sofrimento. É o complexo de Édipo, reatualizado no século XXI, repleto de má consciência e imbuído de culpa.

Agora o desejo de saber – poder emerge de um jogo entre pânico e esperança. Vontade e medo, legitimados pela ciência, residindo em todos e que no *corpus* analisado é intensificado pela “lembrança” de um mundo que já foi equilibrado ambientalmente, um paraíso perdido. O pensamento sobre o ambiente então é caracterizado pela crença de que a natureza pode ser gerenciada/governada através da aplicação dos princípios científicos corroborados pela estatística inventadas pelo homem. Governam-se homens e suas relações com as coisas tal como a água, comida, o ar que respiramos,

as riquezas, os recursos, os meios de subsistência, o território em suas fronteiras, com suas qualidades, clima, seca, fertilidade, etc.; os homens em suas relações com outras coisas que são os costumes, os hábitos, as formas de agir ou de pensar, etc.; finalmente, os homens em suas relações com outras coisas ainda que podem ser os acidentes ou as desgraças como a fome, a epidemia, a morte, etc. (FOUCAULT, 2014, p.415).

A criação do chamado "meio ambiente" conclamou uma série de responsabilidades e protecionismos no acionamento do “cuidado”. Termos como “economia verde”, “gestão de recursos”, produziram técnicas cada vez mais sofisticadas, criando a implementação de políticas, bem como vários dispositivos legais e regimes através do qual a responsabilidade ambiental têm sido regulamentada e prescrita. Todos têm dado forma ao conceito de "meio ambiente" determinando como ele deve ser governado, antes que, supostamente, o homem destrua o que ainda resta, ou seja, é preciso dar consciência ao homem, porque ele não tem. Governar a mente, o corpo é, antes de tudo, governar consciências...

Para desgovernar a vida

Não há Educação Ambiental desejada que não seja atravessada pela ideia de consciência. Ao conclamar a consciência a comparecer, os excertos acima mostram uma crença de que ela vai transformar o indivíduo em um ser mais responsável e amante do ambiente. Acredita-se que tendo consciência o homem não destruirá a natureza e, enfim, será redimido da sua dívida com o planeta.

Como educação do rebanho, bem como nos disse Nietzsche (2014), essa consciência cumpre sua função, pois comunica e conforma o corpo em práticas que vão desde imperativos como “não pise na grama!” ou se reconhecer culpado pela destruição do ambiente. Na busca de uma consciência dita planetária o homem é convidado a medir e repensar seus valores, porém esses valores já estão ditos e afirmados, bastando somente reconhecer-se neles. Essa espécie ressentida de homem, que é historicamente a esmagadora maioria, necessita acreditar na unidade, na reflexão, na escolha, pois só assim seu sofrimento perante a existência se transformaria em liberdade, cujo mérito seria o famigerado “mundo melhor” (ONATE, 2000).

Os homens de rebanho, tal como se pretende forjar através da consciência, são pensados através de um mundo genuíno, ideal! que vai ser deixado para as próximas gerações. É imprescindível formar um mundo estável, fundado na unidade, cuja “função é amenizar o sofrimento, a perturbação causados pelo fluir ininterrupto” (ONATE, 2000, p.66).

Baseado nessa perspectiva, hoje educa-se ambientalmente para a consciência, que é tão somente uma forma de governar os corpos atrelado àquilo que faz com que homem ao invés de ser criador de sua própria realidade seja interpelado. Achamos que estamos criando um novo modo de existir, mas o que estamos é repetindo, sempre a velha ideia platônica da reconhecimento. Dispensamos nossa presença e achamos que ela está aí, “mas quem me diz o que o diz?” (PESSOA, 1990).

Não precisa! A mídia fala, pensa e age por e através de nós. Somos, como que por dentro, pilotados de cabo a rabo (PELBART, 2007). Somos ventríloquos? Não! Fazemos isso de bom grado e livremente. Certos que estamos fazendo um bem ao planeta. À vida. Há um investimento pensado na sobrevivência, na permanência, na preservação, na conservação. Seja lá que termos usaremos para aprisionar o *amor fati* (amor ao destino) ou os abismos de Zarathustra (NIETZSCHE, 2014).

Abrçamos voluntariamente a posição de culpados/redentores e demonizamos o homem e seu modo de existir no mundo. Mas, será que as catástrofes não sacodem de tal modo da letargia? Evitamos a todo instante ser afetados e agora não gerenciamos apenas nossa existência, mas de outros viventes, o biótico e o abiótico. Nada escapa ao governo, às estatísticas, aos “emaranhados lógicos”. Estamos sufocados, repletos de consciência.

Quem ama o caos, a imprevisibilidade, a inconstância? A física já mostrou diversas vezes que não é possível dominar o instante, nem mesmo aquele que nos atravessa. Nietzsche já dizia que não é possível produzir pensamento dentro de determinados modos de vida. Existem vários modos de ver a vida. Então não vamos fazer nada? não vamos ensinar nada? Vamos “deixar” destruir e pronto?

Responder a essa pergunta talvez seja se render ao sobrevivencialismo que nos cerca, à tentação de tudo prever e dominar, mas hoje pensamos em “(...) nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo (...) – mas amá-lo...” (NIETZSCHE, 2009, p.49). Amemos a impermanência e o imprevisível porque a vida não é governável, ainda que todos os dias sejamos tentados a governá-la.

Referências

- CORAZZA, S. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em Educação. Petrópolis: Vozes, 2001
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em Educação. **Caderno de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, 2001.
- FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2010.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.
- HENNIGEN, I., GUARESCHI, N. M. F. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. **Psicologia & Sociedade**, v.14, n.1, p. 44-68, 2002.

LOPES, C. S. M., BARCELOS, M. de O. Em cartaz o meio ambiente: o uso de filmes para abordagem do conteúdo educação ambiental. In: Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica – SENEPT. 2010. Belo horizonte, Minas Gerais. **Anais...**

LUVIELMO, M. M. **Educação ambiental, cinema e biopoder: uma discussão possível.** Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental)- Universidade Federal do Rio Grande. 2011. 88p.

NIETZSCHE, F. **Ecce homo.** São Paulo: Companhia das letras. 2008.

NIETZSCHE, F. **Obras incompletas.** São Paulo: Editora 34. 2014.

ONATE, A. M. **O crepúsculo do sujeito em Nietzsche ou como abrir-se a filosofar sem metafísica.** São Paulo: Discurso editorial. 2000.

PELBART, P. P. **Vida nua, vida besta, uma vida.** Trópico, p.1-5, 2007. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl>>.

RAUBER, C. C.; SANTOS, M. Z. M.; SCHEID, N. M. J. O filme “lixo extraordinário” como recurso didático em aulas de educação ambiental In: II Congresso Internacional de Educação Científica e Tecnológica. Santo Ângelo. 2012. **Anais...**

SULAMAIN, S. N. Educação ambiental, sustentabilidade e ciência: o papel da mídia na difusão de conhecimentos científicos. **Ciência e Educação**, v.17, n.3, 2011.

WORTMANN, M. L. C., RIPOLL, D., POSSAMAI, L. Educação ambiental corporativa para crianças: analisando a animação Peixonauta do Discovery Kids. **Perspectiva**, v. 30, n. 2, 2012.